



NASCIMENTO, Fred (Frederico do Nascimento). *A Performance do Humano: da pedra ao caos*. Recife: FUNDARPE. Professor de Teatro da EMAJPE. Pesquisador e encenador.

RESUMO

A pesquisa “A Performance do Humano: da pedra ao caos”, é baseada em rituais arcaicos em diálogo com rituais contemporâneos. O primeiro trabalho criado a partir da referida pesquisa chama-se *Silência*, um híbrido de teatro, performance e ritual, criado a partir de rituais de morte. Este artigo analisa a encenação performática, que a partir dos elementos levantados na pesquisa realiza uma amalgama entre espaço simbólico e o espaço ritual. Seu processo de criação passou por estudos da performance (COHEN, 1989), rituais (GENNEP, 2011; TURNER, 1974) e teatro (ARTAUD, 1984), laboratórios psicofísicos e criação de performances. Pretende-se considerar a encenação performática como uma forma de pensamento que organiza o texto polifônico sob a ótica da performance.

PALAVRAS CHAVE: Teatro Contemporâneo: Ritual: Performance: Encenação Performática: Pós-dramático.

ABSTRACT

NASCIMENTO, Fred (Frederico do Nascimento). *The Human Performance: the stone of chaos*. Recife: FUNDARPE. Teacher of theater of EMAJPE. Recherche and director.

The research “The Human Performance: the stone of chaos” is based on archaic rituals in dialogue with contemporary rituals. The first work born from research previous called “*Silência*”, hybrid of theater, performance and ritual, created from death rituals. This article analyzes performatic scenes derived from elements collected in the research and realize an amalgam between symbolic space and ritual space. The process of creation was made from performance studies (COHEN, 1989), rituals (GENNEP, 2011; TURNER, 1974), theater (ARTAUD, 1984), psychophysical laboratories and origination performances. The goal is regarded performatic scenes as a way of contemplation that organizes the polyphonic text from the perspective performance. Key words: Contemporary Theater: Ritual: Performance: Performatic Scenes: Post-dramatic.

Parte considerável do trabalho do Totem, é resultado da nossa contaminação pelas ideias de Antonin Artaud, há anos nos empenhamos procurar o ‘fogo vital’, o encantamento mágico capaz de proporcionar ao público uma experiência artística impactante e arrebatadora. De criar um espaço-tempo onde os atores-*performers* se entreguem à cena com o caráter sacrificial capaz de transformar o local onde acontece o ato, em um lugar sagrado.

Na pesquisa “*A performance do Humano: da pedra ao caos*”, financiada pelo FUNCULTURA da Fundação do Patrimônio Histórico de Pernambuco, o grupo Totem se empenhou em investigar rituais arcaicos tomando por base estudos antropológicos sobre rituais de passagem (GENNEP, 2011), assim como as imagens míticas ligadas a mitos e rituais (CAMPBELL, 1994), em consonância com rituais contemporâneos, principalmente a *performance* como ressignificação do ritual. Tínhamos portanto dois tipos de rituais, o ritual enquanto organizador da psique e a *performance* como revigoração das potências, como abertura de possibilidades.

A pesquisa é dividida em etapas, a cada três meses direciona-se o foco para rituais de morte, rituais de nascimento, rituais de iniciação e casamento e por fim rituais de fertilidade e colheita. Ao final de cada etapa a criação e apresentação de uma *performance*. Na primeira etapa o foco foi a compreensão dos rituais de morte a partir de exibição de filme, seguido de debate com pesquisador convidado, estudos de mitos, debate temático com uma pesquisadora convidada, jornadas arte terapêuticas, trabalhos corporais baseados em Laban e Barba, estudos em vídeos e filmes, resultando na criação do espetáculo performático *Silência*.

É importante refletir que para reaproximar o teatro de suas raízes rituais, é preciso que o teatro torne-se o lugar de se mostrar o espírito através do corpo (ARTAUD, 1984), um teatro metafísico, no sentido do teatro poder restabelecer forças mágicas presentes nos rituais e perdidas pelo teatro ocidental ao longo da história. O caminho para atingir esse teatro, seria a linguagem corpórea, gestual e um pacto com as origens míticas.

Silência – Teatro - Performance - Ritual

Para a realização de *Silência* partimos do princípio performático do corpo como centro catalizador da criação, ou seja, os atores-*performers* tomando o corpo como motor da obra, a partir de suas idiossincrasias, partem em busca de fluxos, de devires, buscando construir um corpo que “Para além do desempenho visa ser um outro, intimamente, um outro ele mesmo” (AZEVEDO, 2008:130). Tínhamos um desafio de tratar de um tema delicado, a morte, a passagem, que mexe com o interior e lida com a ancestralidade.

Para tal propósito foram realizadas uma série de laboratórios corporais que englobavam a unidade psicofísica, percepção corporal (ALEXANDER, 1991); consciência da relação do corpo com o espaço, o tempo, o peso, (LABAN, 1978), passando pela pré-expressividade (BARBA, 1995), com a intensão de alcançar um corpo extra-cotidiano, sempre visando um ator-*performer* com mais potência cênica, vigor, precisão, intensidade, entrega, expressividade, presença.

Um fato importante dentro da preparação dos atores-*performers* foram as jornadas arteterapêuticas, que funcionam como uma preparação, uma organização interna para o ato ritual performático. Nas jornadas foram utilizadas músicas, danças, elementos plásticos, estímulos sensoriais e reflexões e auto reflexões, a fim de prepara-los para o ato sacrificial.

O caminho tomado para a criação das *performances* individuais baseadas em rituais de morte foi de profundo caráter autobiográfico. Desencadeando um intenso processo de criação a partir de um mergulho interior, lançando mão da memória, da mitologia pessoal, da visão de mundo, da experiência, resultou na criação da *performance* de seu próprio ritual de morte, que depois foi resignificado para a cena, num processo que incluiu construção, desconstrução e reconstrução, num constante

exercício de autopoiesis¹, criação que se deu num processo de ‘extrojeção’ (COHEN, 1989).

A performance de sua própria morte por parte dos atores-*performers*, foi fortalecendo-os internamente, e a cada novo encontro também ocorria a apropriação de elementos ritualísticos como flores, incenso, tecidos, cânticos, dança, bebida, pintura (do corpo), areia, mel, pedras, flores, água. Material que posteriormente, foi a matéria prima usada para a criação de *Silência*. Segundo Arnold Van Gennep, ritos de passagem são aqueles momentos relativos à mudança e à transição para novas etapas da vida. É importante atentarmos para a *performance* como um tópos importante de criação de um novo espaço-tempo-ação pois ela redefine a temporalidade e a espacialidade. No nosso processo de criação, as *performances* criadas a partir dos rituais de morte, ao instaurar novas temporalidades e espacialidades, funcionaram como verdadeiros ritos de passagem em direção à *Silência*.

A Encenação Performática

A busca do passado e da ancestralidade são conceitos recorrentes que norteiam a pesquisa e criações do Totem, assim como a mistura de linguagens artísticas. Abrindo espaço para acreditarmos de antemão, que de certo modo já possuíamos o mapa do caminho que iríamos traçar para a criação de *Silência*, ou seja, que a matriz estrutural seria a mistura das *performances* individuais e a fusão de linguagens, dentro de uma perspectiva rizomática², na medida em que sua linguagem não se deixa cristalizar dentro de uma forma pré-definida, que está em permanente metamorfose e hibridização. Resultando numa *performance* coletiva, uma encenação performática, sem enredo, conflito ou narrativa linear, com amplo uso de tecnologia e presença de polifonias.

Em *Silência* procuramos fundir teatro, *performance* e ritual, para tal, lançamos mão de princípios do campo da *performance* imbricados com procedimentos do teatro contemporâneo, além de nos apropriarmos de alguns elementos dos rituais arcaicos. Ao longo do processo, procuramos atribuir valor ritual aos objetos, sacralizando-os, criar novos sentidos para o gesto e o movimento, buscando instaurar um campo energético, adentrar no campo mítico, um espaço/tempo ritualístico, fazendo emergir um ‘estado’ mental (TURNER, 1974), nos atores-*performers*, nos outros artistas envolvidos no processo.

O sistema de trabalho e organicidade do Totem, encontra ressonância no conceito de *work in process* difundido por Renato Cohen. “Uma cena cuja característica é o não uso da dramaturgia, a incorporação de ocorrências, o uso de narrativas disjuntivas, a ambiguidade do espaço/tempo da representação, a apropriação do paradoxismo e de outras relações coma recepção”. (COHEN, 1989: 6).

1 Autopoiese ou autopoiesis (do grego *auto* ‘próprio’, *poiesis* ‘criação’) é um termo cunhado pelos biólogos e filósofos chilenos Francisco Varela e Humberto Maturana para designar a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios. De origem biológica, o termo passou a ser usado em outras áreas por Steven Rose na neurobiologia, por na sociologia, e por Gilles Deleuze e Antonio Negri na filosofia.

2 Rizoma – conceito que defende um sistema aberto que possibilita linkagens entre diversos pontos sem hierarquia. Ver Deleuze e Guattari, *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo, Ed. 34, 1995).

A encenação foi construída a partir das *performances* individuais, pois dispúnhamos de um material riquíssimo para ser trabalhado, elas passaram a ser norteadoras da *performance* coletiva, a partir de procedimentos de criação horizontais, nos quais os artistas envolvidos no processo de criação, trabalham em colaboração, onde nenhuma criação, está submetida unilateralmente à visão do encenador. A cada laboratório corporal, estudo de textos, encontros, novas ideias iam surgindo, que aos poucos foram dando forma, embora inacabada, ao espetáculo performático. No transcorrer do processo fomos realizando fusões de cenas, criando novas e descartando outras, linkando as criações corporais, em diálogo aberto com todos os artistas envolvidos no trabalho, artistas visuais, músicos, organizando o texto polifônico.

Um trabalho que começou pela pesquisa, passando pelo relacionamento com os materiais, seguido de laboratórios e a construção das personas, a edificação de uma partitura corporal, um ideograma, até a performance. Sua criação por *work in process* proporcionou uma relação mais igualitária em relação às linguagens artísticas constitutivas da cena, distanciada do sistema arbóreo.

No transcorrer dos encontros e laboratórios, os *performers* foram criando *personas*³, que variaram durante o transcorrer de *Silência*. Em cena, a atuação dos atores-*performers* ultrapassou a mimeses, pois não há um fio narrativo interpretativo em que ele possa se apoiar, sua atuação depende do quanto ele é capaz de mostrar uma persona, de se transportar para um tópos mítico, mantendo sua potência cênica e colocar seu corpo à contemplação com a força da sua presença.

Podemos citar como elementos da *performance* presentes em *Silência* o uso de projeções, simultaneidades, dramaturgia corporal, não linearidade, o distanciamento da narração de uma história com começo meio e fim, a ausência de uma ficção, de conflitos psicológicos, distanciamento da representação, ausência de personagens. Acrescentado a isso a mixagem das outras mídias que compõem a *performance*, como a música executada ao vivo, a cenografia que utiliza imagens projetadas no ‘totem’ instalado no meio do espaço cênico, que funciona como um catalizador de energias, um eixo gravitacional, em torno do qual a performance se desenvolve.

Silência se aproxima do teatro ritual na busca de uma reconexão com elementos dos rituais arcaicos, pelo devir cosmológico, com a ancestralidade. Sua performance estabelece uma relação com o público de interação, que difere do espectador, ele passa a ser coautor da *performance*, complementando-a, atribuindo-lhe sentido. Em *Silência* há uma evidente mistura de dois tipos de espaços, isto é, ocorre uma simbiose entre um espaço/tempo simbólico, estético, com um espaço/tempo ritual, mítico, interativo, conceitualmente muito próximo do teatro da crueldade (ARTAUD, 1984).

A encenação foi pensada a partir do local que serviria como espaço cênico, o anfiteatro da Torre Malakoff, um prédio histórico do Porto do Recife, que foi sacralizado pela *performance*, transformado no templo de *Silência* pela ação ritual. Os atores-*performers*, se metamorfoseavam em distintas personas de acordo com as cenas. O público foi ‘convidado’ a interagir desde o primeiro momento, o que fez romper

3 *Persona* – neste caso estamos utilizando o termo persona do ponto de vista teatral, da maneira como Renato Cohen o fez no livro *Performance como Linguagem*, não no sentido Junguiano.

totalmente qualquer linha divisória entre palco e plateia, colocando o público como participante do evento, e não apenas como fruidor de experiência estética, juntamente com o Totem, empreenderam uma viagem em direção à ancestralidade, a paisagens interiores, memórias, a um espaço/tempo ritual.

Conclusão

Devemos considerar que por se tratar de um *work in process*, *Silência* não é um espetáculo acabado, pois sua característica risomática aponta para uma constante metamorfose. Uma linguagem que gera impulsos de energia, fluxos, espasmos, estados emocionais, outra ordenação de signos, que rompe paradigmas e busca colocar a encenação no campo conceitual que trata do que vem a ser ‘texto’ no teatro.

Silência é também uma reflexão sobre a morte e a convivência com a morte, ao tocar num tema tão profundo e delicado, o grupo promove uma valorização da ancestralidade perdida, através da evocação de arquétipos e mitologias pessoais, favorecendo transformação pessoal e a reorganização interna dos seus artistas e do seu público, pois a morte talvez seja a principal *performance* do humano: da pedra ao caos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDER, Gerda. *Eutonia um Caminho para a Percepção Corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.
- ARTAUD, Antonin. *O Teatro e Seu Duplo*. (Trad.) LEON Samuel, CELHO Teixeira. (Org.). São Paulo: Max Limonad Ltda, 1984.
- AZEVEDO, Sônia Maria. *O Corpo em Tempos e Lugares Pós-modernos*. In *O Pós-Dramático: Um Conceito Operativo?* GUINSBURG, J. e FERNANDES S. (Orgs.). São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BARBA, Eugênio e SAVARESE, Nicola. *A Arte Secreta do Ator – Dicionário de Antropologia Teatral*. Campinas: Editora Hucitec/Editora da UNICAMP, 1995.
- CAMPBELL, Joseph. *A Imagem Mítica*. Campinas: Papirus, 1994.
- COHEN, Renato. *Performance Como Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- COHEN, Renato. *Work in Progress na Cena Contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 1*. Rio de Janeiro. Editora 34, 1995.
- GENNEP, Arnold Van. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LABAN, Rudolf. *Domínio do Movimento*. São Paulo: Summus, 1978.
- TURNER, Victor W. *O Processo Ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974.

